

O processo de composição de canções no contexto musicoterapêutico

Fabiano Portela¹³

Noemi Nascimento Ansay¹⁴

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de composição de canções no contexto musicoterapêutico. Utilizando os pressupostos da pesquisa bibliográfica não sistemática e da abordagem qualitativa de pesquisa, procuramos desenvolver a temática deste trabalho a partir de fontes documentais encontradas em artigos e trabalhos de conclusão de curso. Foram pesquisados autores da Musicoterapia e da música para compreender os elementos e parâmetros musicais presentes na canção. O objetivo é despertar o fazer musical propondo um caminho para esta prática.

Palavras chave: Musicoterapia; Composição; Canção.

ABSTRACT

This research aims to analyse the process of songwriting with music in the music therapy context. Using assumptions from the literature and qualitative research, approach we develop the theme of this work from documentary sources found in articles and works of completion. Were surveyed authors of Music therapy and music to understand the musical elements and parameters included in the song. The goal to awaken the music making by proposing a way for this practice.

Key Words: Music therapy; Composition; Song.

¹³ Musicoterapeuta graduado na Faculdade de Artes do Paraná. Professor de guitarra e violão na Escola de Música Allegro e Portela Musical. Contato: fabiano.portela@hotmail.com

¹⁴ Professora da Faculdade de Artes do Paraná do Curso de Bacharelado de Musicoterapia; Musicoterapeuta e Psicopedagoga; Mestre em Educação (UFPR). Coordenadora do Centro de Atendimento e Pesquisa em Musicoterapia (CAEMT). <http://lattes.cnpq.br/25229512776542>

1 INTRODUÇÃO

O processo de composição de canções dentro da Musicoterapia pode servir de vital importância servindo como ferramenta para despertar a criatividade e fortalecer a relação entre cliente e terapeuta. A composição musical aparece quase sempre como algo difícil e aparentemente para poucos, porém, pode ser uma grande aliada do trabalho musicoterapêutico e junto com a canção, pode contribuir e direcionar uma atividade com o cliente indo de encontro com as suas emoções.

Através deste trabalho e pesquisa, percebeu-se que a composição ainda é mais utilizada como coadjuvante no processo terapêutico e é justamente por isso que consideramos importante que este tema seja mais utilizado como foco de trabalho, pois a composição é um dos mais importantes meios de expressão musical e assim podemos considerá-la importante também sua utilização como frente no processo musicoterapêutico.

Entendemos que existem várias formas de se trabalhar a composição dentro da Musicoterapia e este trabalho pretende enfatizar a composição aliada à canção, pois assim, o terapeuta pode através do trabalho de composição de canções, identificar aspectos importantes relacionados ao cliente no processo terapêutico.

1.1 Revisão de Literatura

Esse artigo utilizou os pressupostos da pesquisa bibliográfica não sistemática que, segundo Gil (2008, p.50) é “desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Entretanto, durante pesquisa bibliográfica, constatamos que poucos trabalhos foram publicados relacionados ao tema. Dentro da literatura específica à Musicoterapia procurou-se enfatizar autores como Bruscia (2000), Nordoff-Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia v. 13, 2011

Robbins (1999), Shapira (2007), Millecco (2001) e Queiroz (2003) que contribuem para este entendimento. Na literatura musical escolheu-se trabalhar com autores como Levitin (2010), Aharonián (2008) e Tatit (1997).

Além disso, foram pesquisados cento e quarenta e sete trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, e não foi encontrado nenhum trabalho específico quanto ao processo de composição de canções em Musicoterapia. Na Revista Brasileira de Musicoterapia de 1996 a 2009 encontramos apenas dois artigos relacionados à temática dessa pesquisa: Barcellos (1998) “Da “Re-Criação Musical à Composição” – um Caminho para a Expressão Individual de Meninos de Rua”; Dreher (2006) “A Canção: Um Canal de Expressão de Conteúdos Simbólicos e Arquétipos”.

Barcellos (1998) no artigo: “Da “Re-Criação Musical à Composição” – um Caminho para a Expressão Individual de Meninos de Rua” relata a importância que a composição teve no processo com um grupo de meninos de ruas do Rio de Janeiro. No início dos encontros de Musicoterapia, a autora explica que se escutava, dançava e cantava as músicas trazidas pelos menores, quase sempre no ritmo de “*funk*” e “*RAP*”. Em um encontro, um menino falou uma frase que tinha referência com o grupo, e as musicoterapeutas imediatamente tiveram a ideia de transformar aquela frase em música. A primeira reação que surgiu nos meninos foi a de que eles não conseguiriam fazer, porém, através de estímulo e incentivo, foi surgindo uma pequena composição com a frase sugerida, que mesclou o “*RAP*” com o samba em uma tonalidade maior num compasso 2/4. Barcellos (1998) afirma que, a partir da técnica de composição, desenvolveu-se “a expressão de conflitos, desejos, pensamentos e até da opinião sobre o momento atual brasileiro, bem como, sobre a forma como o país trata as questões sociais.” (BARCELLOS, 1998, p. 63).

No artigo publicado por Dreher (2006) “A Canção: Um Canal de Expressão de Conteúdos Simbólicos e Arquétipos”, a autora enfatiza a utilização da canção no processo musicoterapêutico, porém não exatamente

quanto à composição de canções que é o foco desse trabalho. Dreher (2006, p.133) define a canção como sendo carregada “de experiências humanas, vitais, pelas quais também se passa, vive e daqui provêm as associações, significados as quais ligam as pessoas diretamente, numa conexão atemporal”.

Isto nos leva a compreensão de que a utilização das experiências musicais fornece diferentes possibilidades de se trabalhar com a canção dentro da Musicoterapia e justifica a escolha de delimitar a utilização da canção através da composição nesse trabalho. Dreher (2006) afirma: “É importante ressaltar que a canção pode ser utilizada dentro de todas as técnicas citadas anteriormente, mas cabe enfatizar que a canção não é o único canal de expressão na musicoterapia.” (DREHER, 2006, p. 137).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O processo de composição de canção no contexto musicoterapêutico.

Para Bruscia (2000) o terapeuta pode ajudar o cliente a escrever canções, peças instrumentais, criar vídeos musicais, ou seja, pode criar várias possibilidades de composição musical, criando o que ele chama de produto musical. É provável que o terapeuta precise tomar a frente com relação aos aspectos técnicos procurando adequar o tipo de composição de acordo com as possibilidades e experiências musicais do cliente. O autor propõe que em uma sessão o cliente pode criar uma melodia enquanto o terapeuta desenvolve uma harmonia para complementar a melodia; o cliente também pode compor a letra enquanto o terapeuta compõe a melodia e a harmonia para desenvolver uma canção com a letra composta pelo cliente.

Bruscia (2000) nos apresenta o que segundo ele são os principais objetivos clínicos do processo de composição em Musicoterapia:

Desenvolver habilidades de planejamento e organização; Desenvolver habilidades para solucionar problemas de forma criativa; Promover a auto-responsabilidade; Desenvolver a habilidade de documentar e comunicar experiências internas; Promover a exploração de temas terapêuticos através das letras das canções; Desenvolver a habilidade de integrar e sintetizar partes em um todo. (BRUSCIA, 2000, p.128)

Bruscia (2000) também indica cinco variações das possibilidades de trabalhar as experiências de composição em Musicoterapia: paródias de canções, escrever canções, composição instrumental, atividades de notação e colagens musicais.

De acordo com a Musicoterapia Criativa proposta por Nordoff-Robins (1999), o enfoque musical está na improvisação e na composição que consiste no fazer música pelo paciente. É um enfoque mais ativo do que receptivo. Para este modelo “a música é um meio primário para motivar e influir no crescimento terapêutico do paciente, proporcionando estímulos para que se leve a cabo o processo de terapia.” (BRUSCIA, 1999, p.24).

Mais do que escutar música, o modelo propõe fazer música, criar música pelo paciente. Escutar música pode ser clinicamente útil, mas fazer música desperta mais a atenção das crianças. Para esse modelo, a música é o ponto de partida para explorar e mover as experiências emocionais da criança, através da improvisação, da criação e do fazer musical. Não é simplesmente uma ferramenta, e sim o tratamento que estabelece a relação paciente-terapeuta. Para esses autores, portanto, a música serve como terapia e tem um enfoque ativo. Assim, o propósito principal da improvisação do terapeuta é de estimular o paciente a fazer música.

Shapira (2007) também afirma que, por trabalhar com a matéria prima da música, o musicoterapeuta deve conhecê-la extensivamente, porque é nela que desenrolam os processos musicoterapêuticos. Continua, dizendo que a música em musicoterapia não é a mesma música produzida para apreciação

em arte, seus objetivos são bem diferentes. A música é a matéria constituinte dos processos de interação e comunicação. É a “argamassa” dos processos psicodinâmicos. Na musicoterapia a música não é um fim, mas sim um meio, uma ferramenta para múltiplos usos, diferentemente da música produzida com fins puramente artísticos.

Na abordagem Plurimodal existem quinze formas de trabalhar as canções, e uma delas chama-se *criação* onde o musicoterapeuta e o paciente/grupo compõem uma canção, que pode surgir a partir de uma base rítmica ou de uma linha melódica, ou surge pela modificação consciente da letra de uma canção já existente. Esse trabalho de composição fortalece a aliança de trabalho entre o paciente e o musicoterapeuta.

Em uma prática musicoterapêutica pode desenvolver-se uma canção tirando pedaços significativos de outras canções. Essa atividade aproxima o grupo daquilo que ele é. Criar uma composição com pedaços de outras já existentes é uma demonstração das infinitas possibilidades que a Musicoterapia consegue realizar com a música.

Millecco (2001) aponta que cantar é importante para o desenvolvimento humano, e essa é uma das ferramentas mais significativas da Musicoterapia. É necessário que o terapeuta saiba explorar esse recurso para um bom aproveitamento de suas atividades. A música, nesse sentido, tem o propósito de explorar as emoções dos pacientes. Trazendo informações sobre seu mundo interno, que surgem de maneira espontânea no ato de cantar e compor canções.

Através das temáticas trazidas pelas músicas, ele busca compreender o ser. Por isso a música é uma ferramenta de que o musicoterapeuta dispõe. Nessas canções trazidas pelo cliente, quanto mais apreciado o cantor for, mais intimidade e abertura o cliente dá para a realização de um trabalho terapêutico.

O canto por parte do terapeuta é o suporte para entrega por parte de seu cliente, assim facilita o processo de interação e o cliente pode retornar emocionalmente a fases primárias de sua vida. Além disso, ele também se

sente “protegido”, quer pela canção popular, quer pela folclórica, trazidas ambas pelo terapeuta. (MILLECCO, 2001, p. 93).

Ferreira e Pereira (2006, p. 595) afirmam que através das composições de canções, o cliente pode expressar seus medos, vontades e anseios. A escolha do tema da canção e posterior seleção de um trecho musical que ficou mais significativo refletem exatamente o sentimento do paciente naquele momento circunstancial da sua vida. As autoras destacam a importância de fazer uma análise estrutural da composição, como a tonalidade escolhida, modo maior ou menor, os intervalos da melodia e as notas sugeridas. Assim é possível identificar vários aspectos relacionados ao sentimento individual e coletivo de um grupo diante da composição. Esse é um trabalho pouco realizado e bastante eficaz e diferenciado do musicoterapeuta.

Em um trabalho sobre o uso da canção em um contexto de quimioterapia ambulatorial, Ferreira e Pereira (2006, p. 596) destacam que a composição musical é de grande importância para pacientes durante a administração medicamentosa, pois auxilia o paciente a “desfocalizar a atenção do tempo de duração da quimioterapia”. Assim os pacientes se ocupam de uma atividade prazerosa podendo aliviar um pouco a dor, e podem se sentir confiantes por estarem produzindo uma composição musical, o que facilita o processo de tratamento. Percebeu-se na prática, que a produção de uma composição musical partindo de trecho de canções é acolhedora e de fácil acesso ao grupo, confirmando mais uma vez o que é discutido no corpo teórico da Musicoterapia.

A composição de canções pode reforçar a identidade sonora do indivíduo ou de um grupo sendo esse um dos objetivos da Musicoterapia. O “fazer música” proporciona uma maior interação entre terapeuta e cliente. Tratando-se de um grupo, um participante mais tímido pode se sentir à vontade quando o objetivo for realizar uma composição em conjunto e isto é fundamental no processo musicoterapêutico.

É fundamental que o musicoterapeuta tenha conhecimentos bem consolidados na área musical, somente desta forma poderá interagir de forma adequada com seus clientes. Sá (2003) descreve exatamente isso, quando se refere aos problemas encontrados pelos musicoterapeutas durante o trabalho:

Na prática das musicoterapias, um dos principais focos é a música. No entanto, ao se buscar a constituição de um corpo teórico para a área, a música apresenta-se como algo de difícil compreensão e domínio (controle). Na opinião de Trovesi (1999), a musicoterapia é vista com desconfiança pelas pessoas que desconhecem a sintaxe da música, porque lhes faltam elementos para compreender o que ocorre ao se utilizar a música como terapia. Porém, analisando por um outro ângulo: no decorrer de meus estudos, tenho percebido que as “falhas” atribuídas à musicoterapia são, na realidade, suas linhas de força. (SÁ, 2003, p.26)

A autora também se preocupa com a concepção da música dentro da Musicoterapia. Ela considera que esse é um dos objetos de estudo mais importantes não só na área, como também de outros campos e que, no entanto, muitos terapeutas acabam por distorcer o papel da música na Musicoterapia, muitas vezes confundindo-a “com processos educacionais, lúdicos e/ou recreativos”. (SÁ, 2003, p.26).

2.2 Elementos e parâmetros musicais presentes no processo de composição de canções.

Uma das definições tradicionais de música diz que “música é a arte de combinar os sons”, mas para Aharonián (2008), a música não é simplesmente a organização do som. Ele diz que esta definição é incompleta, pois a música também é linguagem, potencial expressivo e seu objetivo é a comunicação.

“Quando temos uma canção – linguagem verbal e musicalidade trabalhando pela expressão de um conteúdo – temos dois níveis de significado,

dois modos distintos de “carregar de significados” uma obra artística ou gesto musicoterápico”. (QUEIROZ, 2003, p. 83). O autor afirma que “O poder da canção vem da dupla realidade gerada pela linguagem verbal e pela música, realidade dupla que, ao final de contas, é uma só: objeto, sujeito e sua integração”. (QUEIROZ, 2003, p. 84). A canção, o cantar, “é unir-se às demais pessoas, ou coisas, de modo mais estreito e íntimo” (QUEIROZ, 2003, p.85). A canção surge como elemento unificador de um grupo. O autor enfatiza que a canção tem um tipo de união que é mais forte que a música instrumental, ele diz que:

Na canção, a delimitação das palavras e a unicidade fluente das notas atuam juntas. Cantar é unir-se às demais pessoas, ou coisas, de modo mais estreito e íntimo do que executar música sem palavras. Cantar para meu filho ou para outra pessoa querida é dissolver as separações que existem, colocando-nos sob o mesmo campo de forças – com todas as perturbações ou encantos que isso possa trazer. (QUEIROZ, 2003, p.85)

Desta forma no momento em que carregamos a canção de um significado emocional, estamos desenvolvendo estímulos e associações.

Tatit (1997, p. 102) afirma que existe uma “interdependência entre a melodia e a letra da canção”, e continua dizendo que:

[...] a configuração de um estado passional de solidão, esperança, frustração, ciúme, decepção, indiferença, etc., ou seja, de um estado interior, afetivo, compatibiliza-se com as tensões decorrentes da ampliação de frequência e duração. Como se à tensão psíquica correspondesse uma tensão acústica e fisiológica de sustentação de uma vogal pelo intérprete. O prolongamento das durações torna a canção necessariamente mais lenta e adequada à introspecção. Afinal, a valorizações das vogais neutraliza parcialmente os estímulos somáticos produzidos pelos ataques das consoantes. O corpo pode permanecer em repouso, apenas com um leve compasso garantindo a continuidade musical. Todas as canções românticas possuem essas características próprias do processo de *passionalização*. (TATIT, 1997, p. 103)

O autor ressalta que a “presença da fala também repercute na letra da canção” e “que a melodia é também uma entoação linguística e que a canção

Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia v. 13, 2011

relata algo cujas circunstâncias são revividas a cada execução”. (TATIT, 1997, p. 103).

Lucas (2008) afirma que é comum acontecer uma junção entre poesia e canção, uma combinação entre melodia, texto e canto e, diz que Tatit (2007), em um bate-papo sobre a canção, abordou que o letrista de uma canção não tem a intenção de ser um poeta e sim de servir a melodia: o que é dito deve ser essencialmente melódico. A autora também cita que Tatit (2007), em seu livro “O cancionista – composições de canções no Brasil” escreve que “o compositor é um malabarista que procura equilibrar melodia no texto e texto na melodia”.

Para Lucas (2008) existem duas concepções de análise da canção, uma que considera que as palavras são escolhidas acima de tudo para dar sentido ao som e outra que a canção tem o propósito de transmitir uma mensagem realista com começo, meio e fim bem definidos.

Na primeira concepção mais do que dar significado para o texto, as palavras complementam o sentido melódico da canção, havendo um caminho prazeroso entre a palavra e a canção.

Na segunda concepção a canção tem o propósito de transmitir uma mensagem bem definida. Assim, não seria um poema e sim um relato, e a palavra colocada com significado e ritmo influenciaria na melodia e também nas escolhas do compositor.

Lucas (2008) conclui que a canção é bem elaborada quando consegue preencher as duas concepções, ou seja, ter um significado e conseqüentemente ter uma preocupação com a melodia.

Dentro dos aspectos essencialmente musicais toda composição utiliza os elementos e parâmetros musicais como: ritmo, melodia, harmonia, intensidade, altura, andamento, e métrica.

Uma composição musical pode ser simples ou complexa, no que se referem aos elementos musicais, tudo depende do contexto, da época, do estilo e também da intencionalidade de quem compõe.

Compor uma canção envolve aspectos da subjetividade humana, suas emoções. Segundo Levitin (2010), a composição musical precisa ter algo

inesperado para não se tornar uma composição sem emoção, ou algo automático. Ele diz que os compositores procuram justamente colocar muita emoção nas músicas por saberem quais poderão ser as reações do ouvinte, como tremores, arrepios e lágrimas diante de uma composição musical.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da pesquisa de materiais publicados e de autores da Musicoterapia e da música que falam sobre a composição de canções, percebeu-se que esta pode ser uma forma prática bastante funcional em um contexto musicoterapêutico, pois percebemos que a composição fortalece o processo de criação e a aliança de trabalho entre o cliente e o terapeuta.

As canções participam da vida cotidiana da maior parte da população, elas recriam sentimentos, remetem a memórias pessoais, contém muitas vezes histórias de cada indivíduo que se identifica com determinada canção.

Como proposta de trabalho, acreditamos que a composição de canções pode servir consideravelmente em um processo terapêutico. Inicialmente, pode-se utilizar os elementos musicais de uma forma mais simples utilizando acordes consonantes em progressões que sejam mais próximas daquilo que o cliente conhece musicalmente. Com relação a parte rítmica, também pode ser utilizado algo que primeiramente vai de encontro com a musicalidade do cliente pois assim facilita e encoraja o cliente em acreditar que é capaz de desenvolver este trabalho.

O terapeuta pode sugerir como proposta inicial que a forma siga o conceito de pergunta e resposta, bastante utilizado na música popular, utilizando introdução, verso e refrão. Esta pode ser uma boa maneira de se começar uma relação terapêutica com o cliente, trazendo para a composição, elementos que sejam ligados a vivência musical do cliente. Futuramente a composição pode ser trabalhada com elementos musicais mais complexos

como acordes dissonantes, ritmos sincopados e com a forma contendo mais possibilidades podendo incluir pré-refrão e ponte de ligação entre as partes.

O cliente pode participar tanto da letra se tratando de uma canção como também da parte musical. Mesmo que o cliente não contenha conhecimento musical, pode contribuir sugerindo acordes, auxiliando na seqüência da forma e dando sugestões daquilo que o terapeuta propõe. Mesmo que o cliente não saiba tocar um instrumento musical, com a ajuda do terapeuta ele pode contribuir tocando um instrumento como violão, piano, teclado, xilofone e outros, sendo papel do terapeuta simplificar o arranjo para que o cliente possa participar. Outra opção é trabalhar instrumentos de percussão onde o cliente pode junto com o terapeuta auxiliar no ritmo da composição.

Como vimos, a música é considerada a ferramenta mais importante da Musicoterapia. Assim concluímos este artigo com uma definição de música apresentada por Bruscia (2000, p. 111):

A música é uma instituição humana na qual os indivíduos criam significação e beleza através do som, utilizando as artes da composição, da improvisação, da apresentação e da audição. A significação e a beleza derivam-se das relações intrínsecas criadas entre os próprios sons e das relações extrínsecas criadas entre os sons e outras formas de experiência humana. Como tal, a significação e a beleza podem ser encontradas na música propriamente dita (isto é, no objeto ou produto), no ato de criar ou experimentar a música (isto é, no processo), no músico (isto é, na pessoa) e no universo.

Assim como a escolha musical reflete os conteúdos dos pacientes, a composição de canções pode refletir a experiência vivida dentro dos encontros musicoterapêuticos. As canções podem revelar os sentimentos de cada um, fortalecendo a relação cliente-terapeuta, contribuindo para uma melhor autoestima e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- AHARONIÁN, Coriún. **Introdución A La Música**. 3ª edición. Montevideo, Uruguay. Ediciones Tacuabé, 2008.
- BARCELLOS, Lia Rejane. **Da “Re-Criação Musical à Composição” – um Caminho para Expressão Individual de Meninos de Rua**, Rio de Janeiro, Ano III, no. 04, 1998, p. 56 a 65.
- BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo; MILLECCO, Ronaldo Pomponet; MILLECCO FILHO, Luis Antonio. **É preciso cantar: musicoterapia, cantos e canções**: Rio de Janeiro, 2001.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2 ed. Rio de Janeiro. Enelivros, 2000.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Modelos de Improvisación em Musicoterapia**. Tradução de Maria Sanchez Sotres. Espanha. Venona, 1999.
- DREHER, Sofia Cristina. **A Canção: um Canal de Expressão de Conteúdos Simbólicos e Arquetípicos**. Rio de Janeiro, Ano X no. 8, 2006, p. 127 a 144.
- FERREIRA, Eliamar Aparecida de Barros Fleury e; PEREIRA, Gláucia Tomaz Marques. **Investigação sobre o uso da canção no atendimento grupal em Musicoterapia em um contexto de quimioterapia ambulatorial: contribuições para o corpo teórico da Musicoterapia**. XVI da ANPPOM – Brasília, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas: São Paulo, 2008.
- LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LUCAS Celina. **Poesia e canção popular**. Revista Autor. 31-jan-2008. Disponível em www.revistaautor.com. Acesso em 20/10/2010.
- SÁ, Leomara Craveiro de. **A teia do tempo e o autista : música e musicoterapia**. Ed. UFG, 2003.
- SCHAPIRA Diego, FERRARI Karina, SANCHEZ Viviana., HUGO Mayra, **Musicoterapia: Abordaje Plurimodal**. Argentina. ADIM Ediciones, 2007.
- TATIT, Luiz. **Musicando a semiótica: ensaios**. São Paulo. Annablume editora, 1997.